

# Visões do paraíso

## Abertura

*Esta terra, Senhor (...), traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia (...) muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; (...) a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados (...). Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!*

Você já deve saber que esse é um trecho da carta que o escrivão Pero Vaz de Caminha mandou para d. Manuel I, rei de Portugal, prestando contas da longa viagem e contando a novidade do encontro da nova terra.

Nesta aula, você vai viajar com Cabral e Caminha, e observará que os portugueses, tal como os espanhóis, também acharam que haviam chegado ao paraíso. Verá ainda quais foram os primeiros experimentos de ocupação da terra. Conhecerá os motivos que determinaram a efetiva colonização dessa parte portuguesa da América, que passou a ser conhecida com o nome de Brasil.

## Movimento

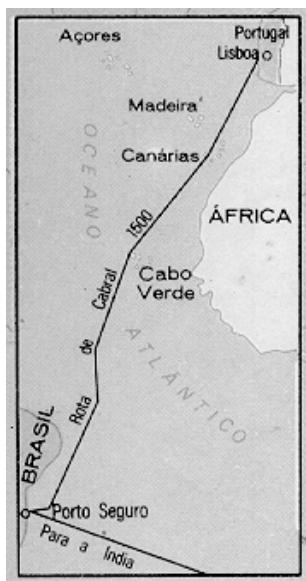
### Primeiras impressões do paraíso

Pero Vaz de Caminha era um dos 1.200 homens que, em 9 de março de 1500, embarcaram em Lisboa, sob o comando de Pedro Álvares Cabral.

Eram treze naus, com uma tripulação composta pelos melhores pilotos, além de geógrafos, cartógrafos, padres, comerciantes, marinheiros, todos à cata de aventura e riquezas.

A viagem de um mês e meio ocorreu sem grandes sobressaltos, pois os portugueses, ao contrário de Colombo, conheciam a região por onde navegavam.

A 22 de abril de 1500 se deu a primeira vista de terra, a atual região de Porto Seguro, no litoral sul da Bahia. Aqui também foi preciso nomear. A nova terra, chamada inicialmente de ilha de Vera Cruz, posteriormente virou Terra de Santa Cruz. O nome Brasil, é provável que você já saiba, deveu-se à existência do pau-brasil no nosso litoral.



A carta de Caminha ao rei português registrou todo o encantamento que essa terra até então desconhecida despertou nos recém-chegados. A extensão, o clima fresco, a abundância de água e de vegetação, tudo indicava que os viajantes haviam encontrado o **paraíso**.

Observador atento, esforçando-se para descrever da melhor maneira possível a nova conquista dos portugueses no além-mar, Caminha registrou cuidadosamente as condições da terra e dos seus habitantes; os contatos entre os portugueses e os nativos, aqui também chamados de índios; e as possibilidades de exploração de riquezas e de expansão da fé católica.

A carta de Caminha é, pois, um **documento histórico**, uma fonte que nos permite conhecer os fatos do passado.

A carta de Pero Vaz de Caminha só foi encontrada em 1817, na Torre do Tombo, em Lisboa. Nesse mesmo ano foi publicada pelo padre Aires Casal, no livro *Corografia Brasílica*.

Refletindo a moral do século XIX, os trechos da carta em que Caminha falava das “vergonhas” dos índios foram cortados pelo padre.

A partir de então, a carta de Caminha passou a ser considerada o registro de nascimento do nosso país.

A idéia de chegada ao paraíso era reforçada pela presença dos nativos, que em nada se pareciam com os europeus. Observe como o encantamento pela exposição do corpo nu do índio é semelhante ao anteriormente demonstrado por Colombo:

*A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência (...). Neste dia os vimos mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase misturados: uns andavam quartejados daquelas tinturas, (...) os beiços furados, (...) rapados até por cima das orelhas (...). Seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais...*

Você já sabe como eram profundas as diferenças entre as duas culturas, a portuguesa e a nativa. Era, no entanto, a especial relação que a gente da terra mantinha com o corpo – a nudez, as pinturas, os banhos – a principal marca dessa diferença.

Para uma sociedade como a européia, que via o corpo como sinal do pecado e da tentação, o encontro com um povo diferente, numa terra diferente, representou a sensação de chegada ao paraíso. Foi essa imagem de uma terra “formosa e extensa”, habitada por uma gente cuja “inocência é tal que a de Adão não seria maior”, que alimentou os sonhos de **aventura** de quem veio para cá em busca do paraíso perdido.

Os primeiros contatos com os nativos, feitos no dia seguinte à chegada, foram assim descritos por Caminha:

*Edali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito (...). O Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois ou três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram...*

## Em tempo



O caráter **não-violento** dos primeiros contatos com os índios, tão bem destacado por Caminha ao longo de toda a sua carta, é outro elemento poderoso a comprovar o caráter paradisíaco da terra americana. Aqui, a relação inicial entre as duas culturas foi amistosa, ao contrário do que ocorreria nas Índias.

**Pausa**

Como vimos na Aula 2, as relações de Vasco da Gama nas Índias foram marcadas pela violência. Explique as diferenças entre os primeiros contatos dos portugueses nas Índias e na América.



Domingo de Páscoa, dia 26 de abril, foi rezada uma missa pelo frei Henrique Soares. Uma outra missa realizou-se em terra firme no dia 1º de maio, quando então Cabral tomou posse oficial da terra em nome do rei português, com a presença da tripulação e dos nativos. Você seria capaz de imaginar tal cena?

Vários pintores do século XIX procuraram representar esses momentos iniciais da chegada dos portugueses à América. Um deles, Vítor Meireles, pintou um quadro representando a “primeira missa”.

Veja a reprodução do quadro e observe se era assim que você faria.

Se a expansão da religião católica era importante para os portugueses daquela época, eles também estavam preocupados em investigar o aproveitamento econômico da terra, ou seja, a existência de metais preciosos e as possibilidades de comércio. Tal preocupação fica clara nas palavras de Caminha:

*Em seguida, o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre rente à praia. E ali esperou por um velho (...) mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra (...). Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal ou ferro; nem lha vimos...*

Imagine o rei português d. Manuel lendo a carta de Caminha com as notícias da terra encontrada. Você acha que as perspectivas de aproveitamento econômico dessa terra animaram o rei?

Pense um pouco e resuma a sua resposta.

**Pausa**

### Primeiras explorações

A esquadra de Cabral tinha, na verdade, uma dupla missão. Em primeiro lugar, verificar as possibilidades de exploração da parte da América que coubera a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas. Em seguida, era indispensável dar continuidade à expansão comercial dos portugueses nas Índias, iniciada por Vasco da Gama em 1498.

Para se ter uma idéia de quanto isso era importante, só na revenda da pimenta lá comprada Portugal obtivera lucros de até 6.000%. Lembre-se também de que fora muito alta a quantia investida para a composição da grande esquadra. Por isso, em 2 de maio, depois de dez dias na terra recém-conhecida, a frota de Cabral rumou para as Índias, em busca das lucrativas especiarias e dos artigos de luxo do Oriente.

O tempo passado na nova terra não fora suficiente para o levantamento de informações sobre as suas riquezas. O clima fresco, a água abundante, a flora e a fauna maravilhosas, os nativos encantadores, nada disso era garantia de aproveitamento econômico.

Vamos repetir: os portugueses estavam preparados para obter lucro imediato, praticando o comércio ou explorando metais preciosos. Era isso o que eles faziam nas Índias e na África. Na América, a terra sem ouro aparente e os nativos sem nada para vender não despertaram o interesse do maior dos comerciantes de Portugal, o rei. Daí por que a África e as Índias continuaram a ser o centro da atenção dos investimentos portugueses, já que ofereciam negócios muito mais lucrativos do que a América.

De qualquer modo, era preciso saber o que havia na terra, além de árvores, aves, águas e índios estranhos. Para isso, foi enviada, em 1501, uma pequena esquadra sob o comando de Gaspar de Lemos, que aqui já estivera com Cabral.

Em agosto, a expedição atingiu o litoral do atual Rio Grande do Norte. Daí rumou para o sul, percorrendo o litoral e batizando os lugares por onde ia passando com o nome do santo do dia:

- cabo de São Roque – 16/8;
- cabo de Santo Agostinho – 28/8;
- rio São Francisco – 4/10;
- baía de Todos os Santos – 1º/11;
- cabo de São Tomé – 21/12;
- Rio de Janeiro – 1º/1/1502;
- Angra dos Reis – 6/1;
- ilha de São Sebastião – 20/1;
- porto de São Vicente – 22/1.

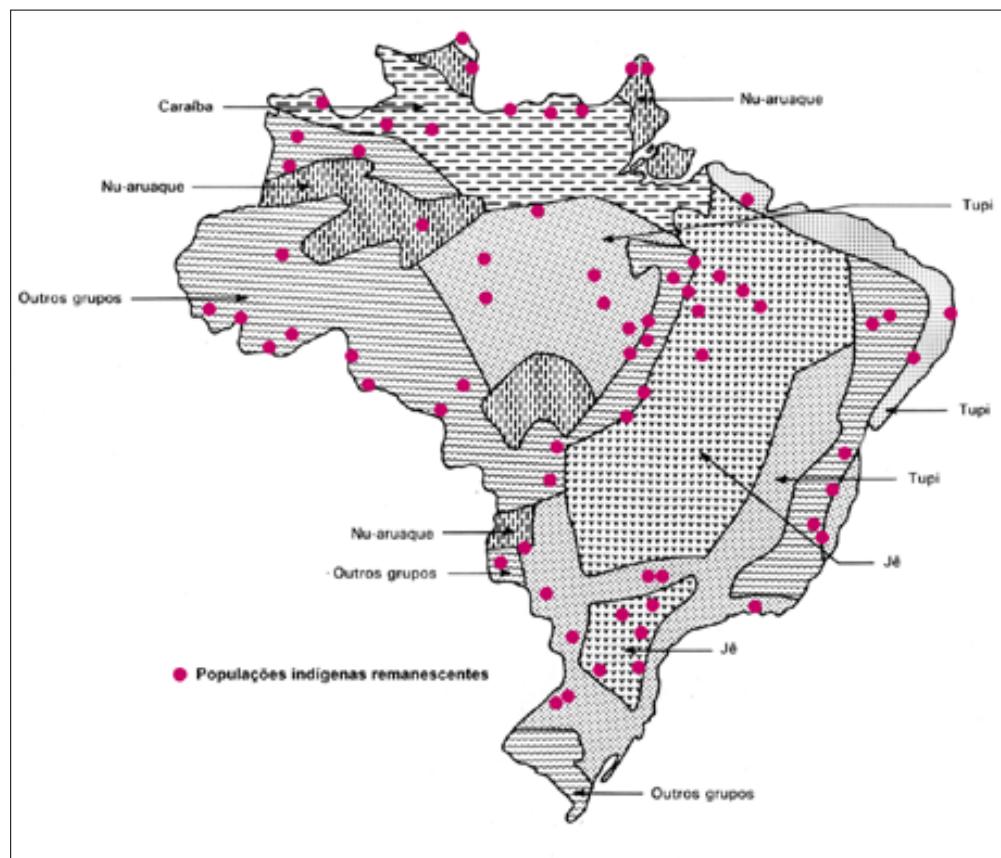
Encarregada de explorar a costa, essa primeira expedição oficial enviada à América Portuguesa observou aí a existência de grande quantidade de **pau-brasil**. Até então importado do Oriente e largamente usado na Europa para a tintura de tecidos, o pau-brasil era um produto que atendia aos interesses comerciais portugueses. Enfim, era encontrada alguma coisa que poderia fazer a América Portuguesa render algum lucro. Nada que chegasse perto das Índias, mas, ainda assim, melhor que nada....

Mais interessada no comércio oriental, a Coroa cedeu o direito de exploração do pau-brasil a comerciantes portugueses. Estes, além de proteger a terra com a construção de fortalezas, deveriam pagar o **quinto** (20%) de imposto ao Tesouro Real.

Em 1503, chegou à colônia portuguesa a primeira expedição financiada por Fernão de Noronha, um dos comerciantes de pau-brasil, com a tarefa de estabelecer as bases da exploração dessa madeira. Exploração que só foi possível graças à participação dos nativos, por meio do sistema de **escambo**: em troca do trabalho de derrubar as árvores, limpá-las, arrumá-las em toras e embarcá-las nas naus, os índios recebiam machados e instrumentos de metal, além de outros pequenos objetos que os encantavam, como colares e tecidos, entre outros.

Para guardar a madeira e abrigar a tripulação das naus que vinham transportá-la para a Europa, os “brasileiros” (comerciantes de pau-brasil) construíram várias **feitorias** ao longo do litoral.

Percebeu como as relações dos portugueses com os habitantes da terra se modificaram? Pense um pouco... Na chegada, foi a surpresa, o encantamento diante de um povo tão diferente dos portugueses. Agora era a utilização da capacidade de trabalho dos nativos, a exploração da sua mão-de-obra.



### Os índios

Os nativos que habitavam o litoral eram em sua grande maioria do povo **tupi-guarani**.

Observando o mapa, você percebe que foram os tupis que entraram em contato com Cabral e sua tripulação. Outros povos, chamados de jês, habitavam o interior. Os caraíbas e os nuarauques, por sua vez, viviam na Amazônia e no Centro-Oeste.

As informações que temos sobre esses primeiros habitantes da América Portuguesa são muito precárias. E você pode até saber por quê. Tal como na América Espanhola, aqui também foram os conquistadores brancos que contaram a história dos índios. Pode-se bem imaginar o que acontece quando uma cultura procura descrever e analisar uma outra cultura que tem hábitos, costumes e valores completamente diferentes.

Preconceitos e incompreensões estão presentes nos relatos escritos por cronistas, viajantes e padres. Além dos preconceitos, existe ainda a falta de dados sobre os índios. É difícil, por exemplo, avaliar quantos eram os habitantes da terra quando os portugueses aqui chegaram. O número varia de 2 milhões a 5 milhões, conforme a fonte consultada.

O historiador Boris Fausto (*História do Brasil*, p. 38) observa que os aimorés, rebeldes e guerreiros, foram sempre apresentados de forma negativa. Segundo os relatos, os aimorés viviam como animais na floresta; eram canibais, porque gostavam da carne humana. Quando a Coroa portuguesa publicou a primeira lei em que se proibia a escravização dos índios (1570), só os aimorés foram especificamente excluídos da proibição.

### Em tempo

Na América Portuguesa não havia nenhum grande império, como vimos na América Espanhola. Os grupos tupis viviam da caça, da pesca, da coleta de frutas e da agricultura. Tinham, portanto, uma íntima relação com a natureza.

Se ocorresse qualquer desequilíbrio nas condições naturais, como seca, exaustão da terra, redução de animais, os tupis partiam em busca de outra região para viver. Isso podia acontecer porque os índios costumavam derrubar árvores e fazer a queimada para, em seguida, plantar feijão, abóbora e mandioca – alimentação que, posteriormente, sustentou a colônia. Com atividades limitadas à própria sobrevivência – não comercializavam nada – e donos de técnicas simples, os tupis não causavam danos ao meio ambiente.

Os portugueses ganharam muito na relação com os nativos. Além de aprender com eles os segredos de sobreviver numa terra desconhecida, ainda se utilizaram de sua capacidade de trabalho para aqui se estabelecer.

Já para os índios, você sabe, a história foi muito diferente. Foi uma história de fuga, violência, escravização, doença e morte. Dos milhões que havia no século XVI, restam hoje apenas alguns milhares.

### Últimas palavras

A exploração do pau-brasil não demorou a entrar em crise, em parte pela baixa lucratividade do negócio – muito risco e pouco dinheiro. Isso fez com que os comerciantes não se interessassem em renovar os contratos com a Coroa portuguesa.

Outro motivo do desinteresse foi a concorrência que os **comerciantes franceses** faziam na exploração da madeira. A França não tinha comércio direto com o Oriente e precisava de tinta para suas manufaturas de tecidos. Decidiu apanhar aqui o pau-brasil, devido ao pequeno interesse de Portugal pela terra, e também porque os franceses não respeitavam a idéia do “mar fechado”, determinada pelo Tratado de Tordesilhas. Sabe o que dizia o rei da França, Francisco I? Que ele desconhecia o testamento de Adão que dividira o mundo entre Portugal e Espanha.

Desde 1504, quando aqui esteve Binot Paulmier de Gonneville, a presença de franceses foi constante no litoral da América Portuguesa. Eles construíam feitorias e utilizavam a mão-de-obra nativa. A ameaça francesa fez com que o governo português para aqui mandasse, entre 1516 e 1528, **expedições guarda-costas**. Essas expedições, sob o comando de Cristóvão Jacques, deveriam expulsar os invasores do litoral, destruir suas feitorias e queimar suas naus.

Além do medo de perder a colônia americana para os franceses, dois outros motivos fizeram com que Portugal voltasse sua atenção para cá. Em primeiro lugar, as notícias da existência de fortunas fabulosas no interior do continente – o famoso Eldorado – atraíram espanhóis para o litoral sul, em busca da região da prata. Mas foi principalmente o declínio do comércio com as Índias, em virtude da concorrência dos holandeses na região, o que levou os portugueses a modificar a sua política de ocupação colonial. Era preciso colonizar a América.

Em 1530, o rei d. João III, que sucedera a d. Manuel no trono português, determinou a organização de uma nova expedição para lançar os fundamentos do **povoamento** da terra. A questão era como fazê-lo.

Na próxima aula, falaremos do desafio de transformar a terra nativa na América Portuguesa. Que atividades econômicas seriam aqui desenvolvidas? Quem viria para cá morar, viver, trabalhar? Como o Estado português administraria uma colônia tão distante? Que tratamento seria dado aos nativos?

Essas e outras questões você discutirá no próximo módulo: **Construindo a América Portuguesa**.

## Exercícios

### Exercício 1

Justifique o título que foi dado a esta aula.

### Exercício 2

Você viu, na Aula 2, que as relações de Vasco da Gama nas Índias tiveram marcas de violência. Na América, os contatos com a gente da terra foram amistosos. Explique as diferenças entre os dois relacionamentos.

### Exercício 3

O rei português d. Manuel leu a carta de Caminha com as novas do “achamento” de uma nova terra para os domínios da Coroa portuguesa. Você acha que as perspectivas de aproveitamento econômico dessa terra animaram o rei? Pense um pouco e resuma sua resposta.

### Exercício 4

O nome “terra do brasil” passou a ser dado à América Portuguesa por causa da grande quantidade de pau-brasil que havia em seu litoral. Faça um resumo de como era feita a exploração da madeira.

### Exercício 5

Discuta a seguinte afirmativa: *os nativos da América Portuguesa eram muito mais atrasados do que os da América Espanhola, e, por isso, não tiveram nenhuma participação no processo de exploração da terra.*

### Exercício 6

A partir de 1530, a Coroa portuguesa começou a mudar sua política em relação à América, preocupando-se em ocupá-la e colonizá-la. Explique por que isso ocorreu.

